

Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos do Bairro Maré

Área Temática de Educação

Resumo

O presente trabalho é resultado do programa de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ de Alfabetização de Jovens e Adultos do bairro Maré. A preocupação com a Alfabetização surge da constatação do grande número de analfabetos em nosso país e do reconhecimento do papel que a universidade pode desempenhar para contribuir com o aumento do alfabetismo. A metodologia proposta tem como pressuposto básico que o processo de construção do conhecimento deve se realizar a partir da interação entre professores e alunos, tendo como os grandes aportes teóricos que sustentam sua ação a Educação Popular e a Filosofia Educacional de Paulo Freire. A realização do programa está possibilitando a continuidade dos estudos para aqueles sujeitos que ainda não concluíram o processo de alfabetização e contribuindo para efetivação do direito básico à educação e para o aumento do nível de alfabetismo no bairro Maré. O processo de alfabetização, conseqüentemente, acaba por provocar algumas modificações no modo vida dos alfabetizandos. Não raro surgem depoimentos de alunos relatando essas modificações que vão desde a identificação de nomes e itinerários de ônibus até a possibilidade de ajudar os filhos com os trabalhos na escola.

Autoras

Ana Paula de Abreu costa de Moura

Eliana Souza Silva

Ludmila Thomé Andrade

Maria Aguiéiras Freitas

Maria Cecília de Magalhães Mollica

Marisa Beatriz Bezerra Leal

Instituição

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Palavras-chave: alfabetização; desigualdade social; autonomia

Introdução e objetivo

O presente trabalho é resultado do programa de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ de Alfabetização de Jovens e Adultos do bairro Maré. A preocupação com a Alfabetização surge da constatação do grande número de analfabetos em nosso país e do reconhecimento do papel que a universidade pode desempenhar para contribuir com o aumento do alfabetismo.

A não aquisição de autonomia no uso da leitura e da escrita atinge a parcela significativa da população brasileira analfabetos. Num país marcado pela desigualdade social o não acesso ou a não permanência na escola representa mais um dos reflexos dessa desigualdade. Muitas pessoas continuam não tendo acesso, minimamente à leitura e à escrita e outros acabam aumentando o número do chamado analfabetismo funcional.

O projeto voltado para a formação de alfabetizadores e para a alfabetização de jovens e adultos do bairro Maré busca contribuir para inserir os indivíduos analfabetos no mundo da leitura e da escrita de modo que se motivem a dar continuidade à escolaridade. A UFRJ a

partir dessa experiência, busca garantir o acesso a educação que é um direito básico de todo cidadão e espera, após a conclusão deste trabalho de aprendizagem da linguagem escrita, poder acompanhar o processo de escolarização desses alunos, encaminhando-os para escolas e inserindo-os nas séries seguintes do ensino fundamental, promovendo um aumento de escolaridade e quem sabe, estimulando e apoiando sua permanência nos estudos até a universidade.

A escolha do bairro Maré para a realização deste programa se deve a proximidade geográfica e ao fato de um número de funcionários da universidade residirem no bairro. O bairro Maré está situado à margem da Baía de Guanabara, entre a Avenida Brasil e a Linha Vermelha, duas das principais vias rodoviárias do estado, e é um dos principais espaços constituintes da Zona da Leopoldina do município do Rio de Janeiro. O fato da paisagem, durante muitos anos, ter sido dominada por *palafitas* (habitações precárias suspensas sobre a lama e a água) e a contrastante proximidade com o Aeroporto Internacional do Galeão e a Universidade Federal do Rio de Janeiro contribuíram para a percepção da Maré, em geral, como um espaço globalmente miserável, violento e destituído de condições dignas de vida. Independente dos exageros dessa representação é inegável o reconhecimento dessa localidade como um espaço proletarizado, com predomínio de populações nordestina e negra em condições sócio-profissionais subordinadas e com baixa escolaridade.

Conforme resultados do Censo 2000, realizado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), a população da Maré é constituída de 132.176 habitantes com uma média de 3,4 habitantes por domicílio. Média esta que se aproxima bastante daquelas obtidas para os âmbitos, nacional, regional e municipal. Porém, na comparação das taxas de densidade demográfica, verifica-se que o bairro possui cerca de 21.400 habitantes/Km², enquanto o município do Rio de Janeiro apresenta uma média de 328 habitantes/Km². O processo intenso de ocupação do terreno local é um fator básico na definição de alguns aspectos da paisagem da Maré. Destaca-se, em particular, a ausência de árvores, o rareamento de espaços vazios, a verticalização das residências e a intensa circulação de pedestres e de diversos meios de transporte.

A população distribui-se por cerca de 38.273 (trinta e oito mil duzentos e setenta e três) domicílios e 17 (dezessete) comunidades: Marcílio Dias, Praia de Ramos, Roquete Pinto, Parque União, Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Vila do João, Conjunto Esperança, Mandacaru, Salsa e Merengue.

A Maré não conta com centros culturais, cinemas, teatros ou qualquer tipo de espaço permanente para manifestações e produções culturais; até mesmo as manifestações mais populares são raras, com a presença de pouquíssimos blocos carnavalescos e uma pequena *Escola de Samba*. Outras manifestações localizadas, tais como a *Folia de Reis*, grupos musicais ou agrupamentos culturais diversos são caracterizados pela falta de continuidade e pela pequena difusão de suas atividades.

Quanto à distribuição etária o Censo mostrou que 16% são crianças de 0 a 6 anos, 15% são crianças de 7 a 14 anos, 61% compõe a população adulta de 15 a 54 anos e 8% a população idosa. A Tabela 1 evidencia que no bairro Maré o percentual de crianças entre 7 e 14 anos fora da escola é de 6,4%. Dados do IBGE para o período 1981-1985, apresentam uma taxa de crianças de 7 a 14 que não freqüentava a escola no município do Rio de Janeiro de 5,5%. No período de 1995-1999, essa taxa percentual caiu para 3,4%. Ao constatar que 6,4% de crianças do Bairro Maré estão fora da escola, o Censo Maré revela uma situação bem pior do que a presente no conjunto da cidade do Rio de Janeiro para o período 1995-1999.

Tabela 1 – Crianças de 7 a 14 anos fora da Escola nas 17 Comunidades do Bairro Maré – 2000

01	Nova Maré	16,5
02	Salsa e Merengue	11,4
03	Vila do João	9,2
04	Mandacaru	8,8
05	Vila Pinheiros	7,2
06	Parque Maré	7,1
07	Nova Holanda	6,4
08	Morro do Timbau	5,7
09	Bento Ribeiro	5,5
	Dantas	
10	Conjunto Esperança	5,0
11	Baixa do Sapateiro	4,5
12	Parque União	4,5
13	Marcílio Dias	4,2
14	Rubens Vaz	3,7
15	Conjunto Pinheiros	3,6
16	Praia de Ramos	2,5
17	Roquete Pinto	1,7
Mé dia	Bairro Maré	6,4

Fonte: Censo Maré 2000 – CEASM

No plano da infra-estrutura educacional, na Maré estão instaladas 16 (dezesseis) escolas públicas de ensino fundamental, além de 07 (sete) creches comunitárias e várias escolas privadas de pequeno porte, voltadas para a educação infantil e para o ensino fundamental. Durante muitos anos, a demanda da educação para jovens e adultos foi minimizada pelas teleaulas de ensino fundamental. Atualmente essa oferta foi bastante reduzida. O ensino médio, cuja demanda cresce de forma explosiva, conta com a oferta de apenas dois colégios que atendem toda a região – incluindo os bairros próximos.

Para o atendimento da demanda de jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental na idade própria, reduz-se ainda mais a oferta de vagas. Apenas um CIEP municipal, localizado na Vila dos Pinheiros, funciona com o Projeto de Educação Juvenil (iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, voltada para a educação de jovens e adultos), algumas iniciativas de igrejas e da UFRJ trabalham com esse público.

No contribuir para o aumento do alfabetismo, a Pró-Reitoria de Extensão aprovou junto a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos do Bairro Maré, com recursos do PROEXT 2003 (Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas).

O programa teve início em março de 2004. As turmas de alfabetização estão distribuídas em diversas comunidades do bairro: Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Nova Holanda, Marcílio Dias, Praia de Ramos, Parque Maré, Parque União, Roquete Pinto, Rubens Vaz, Timbau, Vila dos Pinheiros, e Vila do João. Este projeto tem previsão de

término para agosto do corrente ano e a garantia de sua continuidade é um dos motivos pelo qual a universidade está buscando esse financiamento.

A idéia básica é a de desenvolver um trabalho que em alguns anos possa reduzir a zero o índice de analfabetismo de jovens e adultos nas 17 comunidades integrantes do bairro Maré.

Segundo o Censo Maré, o percentual de moradores locais analfabetos maiores de 14 anos chega a 7,9% (correspondente a 10.441 pessoas), conforme pode ser observado na Tabela 2. Esse percentual está abaixo da média brasileira (13,3%), mas muito superior ao percentual do município do Rio de Janeiro para o ano de 1999 (3,4%). Quanto aos rendimentos, menos de 1/3 dos seus trabalhadores afirma receber mais de 2 salários mínimos por mês e, no que concerne ao trabalho infantil, 2% das crianças de 10 a 14 anos residentes na Maré exerce alguma atividade de trabalho – para um índice de 0,6% para o município do Rio de Janeiro.

Tabela 2 – Maiores de 14 anos analfabetos nas 17 Comunidades do Bairro Maré

01	Parque Maré	15.399	10,8
02	Mandacaru	424	10,0
03	Nova Maré	3.142	9,92
04	Salsa e Merengue	5.309	9,91
05	Nova Holanda	11.295	9,9
06	Vila Pinheiros	15.485	9,0
07	Praia de Ramos	4.794	8,21
08	Vila do João	10.651	8,2
09	Rubens Vaz	7.996	7,94
10	Baixa do Sapateiro	11.467	7,9
11	Parque União	17.796	7,8
12	B. Ribeiro Dantas	2.199	7,3
13	Marcílio Dias	7.179	7,2
14	Roquete Pinto	2.514	6,5
15	Morro do Timbau	6.031	5,7
16	Conjunto Pinheiros	4.767	5,5
17	Conjunto Esperança	5.728	3,2
	Bairro Maré	132.176	7,9

Fonte: Censo Maré 2000 - CEASM.

O programa tem como objetivo geral possibilitar aos moradores do bairro Maré, que ainda não tiveram acesso a escolaridade básica, o aprendizado da linguagem escrita e o domínio da variante oral, socialmente prestigiada, para que possam ser sujeitos ativos no exercício de sua cidadania.

E como objetivos específicos:

- Oportunizar aos estudantes da UFRJ opções de atividades extensionistas como previsto no Plano Nacional de Educação (diretriz 23 do capítulo da educação superior - Lei 10.172).
- Ampliar o acesso desses moradores às diversas instituições, ampliando sua inserção social e utilização dos Órgãos Públicos.
- Encaminhar os alfabetizados após o primeiro momento da sua escolaridade, ao sistema de ensino fundamental regular.
- Formar alfabetizadores (estudantes de graduação e pós-graduação, voluntários e profissionais da rede pública de ensino das comunidades).
- Inserir estudantes de graduação e pós-graduação, num processo de formação técnica e cidadã, com atribuição de créditos acadêmicos, sob orientação docente e avaliação.
- Possibilitar a integração das atividades de alfabetização com outras dimensões socioeconômicas.
- Desenvolver e difundir novas metodologias de alfabetização.

Por entender que esse programa abrange diversas áreas dos conhecimentos e suas diferentes especificidades além da a Pró-reitoria de Extensão foram incorporadas outras quatro unidades da universidade: Faculdade de Letras, Instituto de Matemática, Serviço Social e Faculdade de Educação. Estas com seus estudos específicos ajudam a construir o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Maré de maneira integrada.

Metodologia

A metodologia proposta tem como pressuposto básico que o processo de construção do conhecimento deve se realizar a partir da interação entre professores e alunos, tendo como os grandes aportes teóricos que sustentam sua ação a Educação Popular e a Filosofia Educacional de Paulo Freire.

O respeito ao conhecimento acumulado pelos alunos ao longo de suas vidas é o princípio fundamental do trabalho, sendo o ponto de partida do processo educativo. Neste sentido, através da reflexão e problematização de questões levantadas em aula, busca-se estabelecer relações entre o saber cotidiano e o saber científico, buscando a sistematização do conhecimento.

A perspectiva interdisciplinar do trabalho busca viabilizar abordagem integrada das diferentes áreas do currículo, já que as relações de ensino não devem ser reduzidas à mera transmissão de informações estanques pelo professor. Assim, os conteúdos a serem trabalhados em aula estão organizados a partir de unidades temáticas, cujo tema central é selecionado a partir das especificidades de cada turma.

Não se pretende “ensinar a decifrar” um código a partir da conversão mecânica de letras e fonemas, mas trabalhar a apropriação da leitura e escrita em situações concretas de uso, considerando o universo vocabular dos alunos. Essa inserção no mundo da leitura e da escrita se dá a partir de seus interesses, desejos, projetos. É em situação real de comunicação escrita, que o aluno vai construir sua autonomia no uso de diversos tipos de escritos sociais e, ao mesmo tempo, compreender o funcionamento alfabético de nossa escrita. Assim, através de análises da estrutura do sistema de representação da Língua Portuguesa, busca-se estimular as produções originais dos alunos, propiciando a vivência da leitura e escrita como forma importante de comunicação entre os homens.

A utilização de diversos suportes textuais torna-se, portanto, estratégia fundamental propiciando ao aluno o contato com diferentes tipos de texto e a construção de uma leitura crítica do mundo que o cerca.

A vida em sociedade apresenta-se concretamente, como uma totalidade. Neste sentido, buscar-se-á a ênfase no convívio social do aluno, levando-o ao desenvolvimento de sua

capacidade de pensar historicamente, refletindo em torno dos diferentes grupos sociais e suas relações, situando-os num determinado espaço e tempo, no qual produzem suas condições de existência através do trabalho. Ao longo de todo o processo, merece especial atenção o reforço e ampliação da auto-estima dos alunos, como condição para que reconheçam seu papel de sujeitos históricos, produtores de conhecimento e de cidadãos, com direitos e deveres.

O ser autônomo intelectualmente, reflexivo e criativo, se constitui enquanto tal na medida em que se ampliam as possibilidades de sua participação efetiva na construção de conceitos. Desta forma, de nada adianta tentar fazer com que os alunos assimilem os conteúdos tão necessários a sua vida, se estes saberes forem transmitidos como algo pronto e acabado, dissociado de suas aplicações e necessidades cotidianas.

Portanto, os procedimentos metodológicos buscam propiciar as condições básicas para se trabalhar o sentido da relação do conhecimento da leitura e da escrita com a vida dos indivíduos, enquanto participantes da realidade que os cerca.

Resultados e discussão

Inicialmente a equipe de coordenação do projeto, os alfabetizadores e algumas pessoas voluntárias da própria comunidade realizaram um diagnóstico através de entrevista com roteiro estruturado, de modo a coletar dados relativos à identificação do aluno e verificar os diferentes momentos da construção do conhecimento em que se encontra cada aluno em relação ao processo de alfabetização (leitura, escrita e cálculos).

As entrevistas aconteceram na própria comunidade, preferencialmente, aos finais de semana, para atingir a um número maior de trabalhadores. Estas se constituíram como importante espaço/tempo de formação, pois propiciaram aos alfabetizadores um primeiro contato com os alunos e o conhecimento da comunidade na qual iriam se inserir para realizar o processo de alfabetização.

Na primeira etapa do trabalho, foram formadas 26 turmas atendendo de quinze a vinte e cinco alunos jovens e adultos em cada turma. Estas turmas estão distribuídas nas dezesseis comunidades do bairro Maré, de acordo com a necessidade de cada comunidade. As aulas são ministradas, em horários diferenciados, de acordo com as características e necessidades da comunidade atendida, de 2ª a 5ª feira, com duas horas e meia diárias, sendo um total de 10 horas semanais. A carga horária total do curso será de 390 horas, acrescidas de atividades extracurriculares e aulas de reforço, se necessário.

Para a efetivação das metas do projeto há uma especial preocupação com a formação dos alfabetizadores. Estes são alunos de graduação da universidade e foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

- Visão de totalidade no que diz respeito à alfabetização enquanto processo e à turma enquanto grupo social com características próprias.

- Trabalho com os conteúdos de forma interdisciplinar, não segmentada.

- Atendimento às especificidades de cada aluno.

- Busca de aperfeiçoamento constante, através de leitura, pesquisas, trocas de experiências e participação em eventos, seminários, palestras e congressos.

Inicialmente os alfabetizadores passaram por um processo de formação inicial, abrangendo os aspectos teóricos e metodológicos, com carga horária de 30 horas e, todas as sextas-feiras, os professores das turmas, realizam reuniões para estudos teóricos embaixadores da prática de alfabetização de jovens e adultos, troca de experiências, planejamento das atividades e avaliação do processo.

À formação do educador, em qualquer área em que atue, é imprescindível bases sólidas no que diz respeito à linguagem. A Linguística mantém hoje diferentes áreas de interface (Educação, Comunicação, Saúde) e oferece fundamentação teórico-prática aos

alfabetizadores, seja no nível da formação profissional, seja no nível da práxis docente. Vale dizer que a Lingüística pode instrumentalizar o educador no que tange aos seus interesses pela produção e percepção lingüística, pela aquisição da linguagem e pela aprendizagem da leitura e escrita.

Alguns conceitos são de suma importância e a base para qualquer trabalho com a linguagem oral ou escrita. Note-se que, qualquer que seja o problema a enfrentar, o profissional não pode prescindir do conceito de língua e do conhecimento sobre alguns fatos de língua, pois vários são os meios de expressar comunicação, mas comunicar-se em uma língua pressupõe um saber específico dos falantes.

O alfabetizador deve aprender que esse saber, que parte é inato e parte é adquirido, implica o conhecimento altamente complexo, estruturado a partir de um número finito de unidades mínimas e um número finito de regras combinatórias. Como as regras possuem propriedades recursivas, podendo ser aplicadas e reaplicadas tantas vezes forem as necessidades comunicativas dos falantes, concebemos então que é possível o processamento de um número infinito de cadeias de língua.

O alfabetizador necessita saber que é fato inconteste que todo o indivíduo, desde que não apresente nenhum comprometimento físico e/ou neurológico, adquire pelo menos um sistema lingüístico (língua nativa) de forma involuntária, inconsciente e inexorável. Precisa distinguir aquisição de aprendizagem, já que o aprendizado de uma outra língua e a apropriação da leitura e da escrita é de outra ordem e pressupõe treinamento específico. Assim, aprender a respeito de língua (e suas diversas dimensões) e ser capaz de discernir cadeias de língua de cadeias que não são de língua constitui pré-condição indispensável para a formação e prática profissional em linguagem, incluindo-se aí o professor de L1 (língua materna) e LE (língua estrangeira). O conhecimento sobre os princípios lingüísticos constitui instrumento que capacita o alfabetizador a identificar os problemas propriamente lingüísticos e avaliá-los adequadamente.

Podemos eleger alguns conhecimentos como indispensáveis à formação do alfabetizador. Por exemplo, é fato de língua que os sistemas podem ser orais-auditivos (línguas dos ouvintes) e gestuais-visuais (línguas dos surdos). No entanto, nem todo som e gesto pertencem às línguas naturais humanas embora até possam emitir mensagens. É fato de língua que saber língua corresponde a ter a faculdade de produzir e distinguir cadeias bem formadas de cadeias mal formadas: `a casa` vs `casa a´, esta última cadeia é agramatical.

Mais importante ainda é conceber que o falante conhece o conjunto de sons funcionais e de sons não funcionais (os fonemas e os alofones) de pelo menos um sistema (o nativo), suas unidades significativas (os morfemas), as regras combinatórias e seus paradigmas léxico-categoriais. O falante conhece também as conexões possíveis entre as unidades de qualquer nível ou subsistema da língua, de forma que é capaz de construir, desde os padrões silábicos permitidos até as unidades sentenciais. Além disso, o falante conhece as categorias discursivas, que lhe permitem realizar conexões entre as sentenças, afora as regras estilístico-pragmáticas, que lhe facultam a utilização conveniente de cadeias de fala em situações lingüísticas concretas.

Desta feita, o alfabetizador passa a lidar diferentemente com o fenômeno da linguagem, uma vez que ele é sabedor de que saber língua é: (a) possuir uma competência gramatical, para ser capaz de processar estruturas de língua em uma língua particular; (b) apropriar-se de uma competência comunicativa ou pragmática, para ser capaz de fazer bom uso de tais estruturas nos inúmeros eventos de fala. E tudo isso no nível da produção e da percepção, da fala e da escrita (neste caso em se tratando de línguas não ágrafas e de falantes letrados ou com algum grau de letramento).

Com tais fundamentos, o alfabetizador lança mão dos saberes lingüísticos inatos dos educandos, tirando partido da oralidade, para então estimular nos alunos o desenvolvimento

de sua potencialidade como falante. O trabalho com a leitura e a escrita partirá de conhecimentos do próprio falante no esforço de, ao apropriar-se do código ortográfico, atingir níveis de maior complexidade em ler e escrever.

Portanto, é muito relevante que o educador aprenda que as línguas são extremamente eficientes e produtivas, mas sua eficiência e produtividade apensa-se ao “recorte” que suas gramáticas realizam ao estruturar diferentemente os diversos subsistemas. O aprendizado da leitura e escrita submete-se a tais princípios com as devidas adaptações códigas.

Questões de ordem psicolinguística imbricam-se normalmente no processo de letramento. A formação do alfabetizador deve contemplar esses aspectos assim como os de natureza neurolinguística. Não se pode descartar também todo o arsenal de conhecimentos de que se dispõe hoje nas áreas de interface Linguagem e Surdez e Linguística e Fonoaudiologia. É extremamente útil que o educador possua ao menos noções dos distúrbios que os alfabetizandos podem apresentar de modo a ser capazes de tomar iniciativas conseqüentes quanto ao encaminhamento de casos, na hipótese de não haver especialistas disponíveis. A parceria entre a Linguística e Saúde merece cuidado especial nos programas de alfabetização.

Entendemos, portanto, ser indispensável ao alfabetizador qualificação específica em Linguística, fundamentada nos pilares consolidados da ciência e nos saberes de ponta desenvolvidos pela pesquisa na área. A presença de um lingüista em todo o processo de um projeto de grande porte como o aqui apresentado é tanto imprescindível na seleção da equipe, na formação de pessoal, quanto absolutamente obrigatória no acompanhamento de todo o programa, consideradas as etapas e metas a serem atingidas.

A essa preocupação com a contribuição da Linguística se soma a preocupação com o reconhecimento e o respeito às especificidades da Educação de Jovens e Adultos. Esses alunos trazem para a sala de aula o que Paulo Freire chama de saber de experiência feito, que são saberes construídos durante a vida. E estes precisam ser incorporados às práticas educativas de modo que os alunos possam perceber que possuem saberes.

A realização do programa está possibilitando a continuidade dos estudos para aqueles sujeitos que ainda não concluíram o processo de alfabetização e contribuindo para efetivação do direito básico à educação e para o aumento do nível de alfabetismo no bairro Maré. O processo de alfabetização, conseqüentemente, acaba por provocar algumas modificações no modo vida dos alfabetizandos. Não raro surgem depoimentos de alunos relatando essas modificações que vão desde a identificação de nomes e itinerários de ônibus até a possibilidade de ajudar os filhos com os trabalhos na escola.

Essas pequenas modificações vêm contribuir para a luta por uma sociedade mais justa e solidária, pois, segundo as estatísticas oficiais, o maior número de pessoas não alfabetizadas se constitui de pessoas: com mais idade, provenientes de regiões pobres e interioranas e provenientes de grupos afro-brasileiros. Isso acaba por dificultar a luta por seus direitos e a conquista de sua cidadania. Afinal, nossa sociedade é predominantemente grafocêntrica e a não utilização da leitura e da escrita acaba por provocar inúmeras interdições, desde a dificuldade em circular pela cidade, até a leitura de documentos. Apesar de entender que a escola está inserida num contexto social mais amplo e que sozinha não é capaz de promover todas as mudanças sociais necessárias, sem ela não é possível mudar. E o acesso dos alunos à educação escolar precisa ser garantido.

O analfabetismo constitui assim, mais uma das muitas violências sofridas pela população de baixa renda, a de impossibilitar homens e mulheres de ler o mundo através da linguagem escrita.

Mesmo que não zere as milenar e socialmente criadas relações entre linguagem, pensamento e realidade, o analfabetismo as mutila e se constitui num obstáculo à assunção plena da cidadania. E as mutila porque, nas culturas letradas, interdita analfabetos e analfabetas de

completar o ciclo das relações entre linguagem, pensamento e realidade, ao fechar a porta, nestas relações, ao lado necessário da linguagem escrita.(Paulo Freire, 1994:08)

Ainda que o analfabetismo não signifique que o sujeito não esteja envolvido em práticas sociais de leitura e de escrita, pois muitos utilizam a solidariedade e pedem auxílio às pessoas seja utilizando a velha desculpa do esquecimento dos óculos, seja assumindo sua posição de não alfabetizado e pedindo que leiam anúncios, cartas, bilhetes.

Entretanto, somente o processo de alfabetização não pode ser visto como um fim, mas sim como o começo de uma trajetória em busca da construção de novos conhecimentos. Por isso, após os doze meses do processo inicial de alfabetização, o programa estará encaminhando os alunos para dar continuidade aos estudos nas escolas públicas próximas às suas residências que ofereçam Educação de Jovens e Adultos.

O programa prevê ainda os seguintes resultados:

A curto prazo (primeiro semestre do projeto):

Oferta de Curso de Extensão para formação de 40 alfabetizadores.

Constituição do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da UFRJ, como espaço permanente de pesquisa e discussão coletiva visando maior compreensão e ampliação do fazer pedagógico.

Elaboração de banco de dados referente à população analfabeta do bairro Maré.

A médio prazo (até os próximos dois anos):

Formação de 40 alfabetizadores por semestre, totalizando 160 em 2 anos.

Oferta de Cursos de Formação Continuada para alfabetizadores.

Oferta de Curso de Especialização direcionado para os alfabetizadores.

Conclusões

Podemos concluir parcialmente através desta experiência que é possível aumentar o índice de acesso às turmas de alfabetização dos alunos do bairro Maré, a partir de um trabalho cujo eixo central priorize o sujeito da aprendizagem e seus conhecimentos. Para isso uma formação que atenda às especificidades da Educação de Jovens e Adultos é fundamental como fundamental.

A universidade tem um importante papel cumprir, principalmente no que cabe à formação de professores e ao estudo e pesquisa nesta modalidade de ensino. Pois, com isso pode contribuir para a incorporação daqueles que estão vivenciando diferentes mecanismos de exclusão dentro de um a processo de construção de uma sociedade mais justa e solidária

Referências bibliográficas

CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). Quem somos? Quantos somos? O que fazemos? A Maré em dados: Censo 2000. Rio de Janeiro: Maré das Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.1)

_____. Indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão –Texto preliminar. Anais do XVIII Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Florianópolis: UFSC, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, 2002. p:118-144.

_____. Documento-referência - Diretrizes para apresentação de projetos em

alfabetização e educação de jovens e adultos. Manaus, maio de 2003.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (PNE) Brasília: 2001. Disponível em:
<<http://www.unirio.br/propg/ensao/planoed.doc>>. Acesso em: 22/abr./2002.
/abr./2002.